

MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02-25 de Julho de 2021

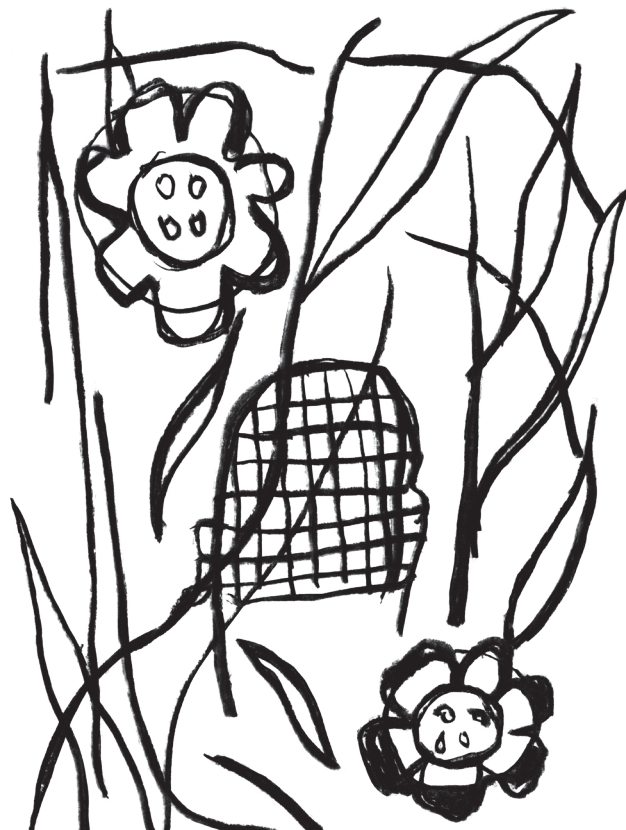


Imagem: Thomas Langley

Formiga Atómica
(Lisboa)

Fake

De Miguel Fragata e Inês Barahona
Encenação de Miguel Fragata

Fórum Municipal Romeu Correia (Almada)

Auditório Fernando Lopes-Graça

Qui. **15**, Sex. **16** e Dom. **18** de Julho às **20h30**

Sáb. **17** às **15h** e **20h30**

Duração: 105 min. • Classificação etária: M/16

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Interpretação **Anabela Almeida** • **Carla Galvão**

Duarte Guimarães • **João Nunes Monteiro**
e **Beatriz Batarda**, (Isabel Abreu ou **Sandra Faleiro**)

Interpretação vídeo **Beatriz Batarda** • **Cirila Bossuet**
Isabel Abreu • **Madalena Almeida** • **Márcia Breia**
Sandra Faleiro • **Sílvia Filipe** • **Teresa Madruga**

Vídeo **Tiago Guedes** • **João Gambino**

Operação vídeo **Bernardo Santos** • **Francisco Romão**

Cenografia **Henrique Ralheta**

Figurinos **José António Tenente**

Desenho de luz **Rui Monteiro**

Música **Hélder Gonçalves**

Desenho de som **Nelson Carvalho**

Operação de som **Tiago Correia**

Direcção técnica **Luís Ribeiro**

Construção da cenografia **Thomas Kahrel**

Design **Mariana Rosa** • **Rita Vieira**

Produção **Clara Antunes** • **Luna Rebelo** / **Formiga Atómica**

Co-produção **Teatro Nacional D. Maria II** • **Teatro Nacional São João**
Cine-Teatro Louletano

Apoio financeiro **Câmara Municipal de Lisboa**

Apoio à residência artística **Centro Cultural de Belém** • **Pólo Cultural das Gaivotas** | **Boavista** • **Companhia Olga Roriz**

Outros apoios **ETIC – Escola de Tecnologias, Inovação e Criação**

Agradecimentos

Eric da Costa, Freepik.com, Hospital de Bonecas, José Maria Senart, Manuel Silva, Nome Próprio, Nuno Madeira e Silvestre Borges.

Foi você que disse?

Fake gravita em torno da figura de Norma B.: uma famosa escritora de romances policiais. Na sua bibliografia, encontra-se um título curioso: *Como assassinar o seu marido*, a história de uma mulher que, como o próprio nome indica, não termina sem que o seu marido seja assassinado. É esse título que lhe traz notoriedade, pela circunstância de, alguns anos depois, Norma ser detida, acusada pela misteriosa morte do seu próprio marido — um famoso professor de culinária.

Mesmo antes de poder pronunciar-se, Norma é julgada publicamente. A sua obra é a prova irrefutável da sua culpa. Os textos escritos por si para dar voz às suas personagens, às suas criaturas, são imputados à criadora. Os seus movimentos mudos, escrutinados em todas as redes sociais. Um súbito *close-up* sobre a forma como transporta um saco de lixo parece dizer tudo, segundo os seus vizinhos. Para a imprensa mundial, a autora de um título tão sugestivo, só pode ter as piores das intenções. A verdade parece evidente, não?

Fake explora as tensões entre a verdade e a mentira, informação e desinformação, crenças individuais, coletivas e a nossa propensão para acreditar nos preconceitos que carregamos. Neste espectáculo, o Teatro dialoga com o Cinema, numa tentativa de destrinçar a verdade da mentira. A câmara faz o papel de um polígrafo implacável, procurando distinguir um bom actor de um mau mentiroso, num *deradeiro close-up*.

Eis uma problemática urgente e actual: as notícias falsas. A peça consiste num trabalho sobre a tensão e as sobreposições entre Verdade e Mentira, informação e desinformação, crenças individuais e colectivas. Reflecte-se sobre a forma como, em conjunto, somos levados a acreditar numa verdade, pelas mais variadas razões: das expectativas conjuntas aos hábitos culturais e sociais, da intuição ao facilitismo.

No palco, quatro actores preparam filmagens. Filmam trechos da história de N. e, ao mesmo tempo, procuram uma actriz que possa emprestar um certo grau de verdade à personagem central. O problema é saber quem é a actriz mais credível, a que mais se aproxima da nossa ideia preconcebida ou aquela que, pelo contrário, a torna concreta de uma maneira inesperada. As filmagens terminam e a verdade é revelada. Por um lado, escolhe-se a actriz e finalmente confrontamos o personagem central. Por outro, emerge a manipulação de que fomos vítimas. Afinal, talvez este 'filme' não seja na realidade filme, talvez esta mulher não seja factualmente um personagem, talvez a verdade esteja mais no teatro do que fora dele.